

## Café sem creme e sem leite. Resenha de Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo de Slavoj Žižek.

Ailton Pereira Morila

Poucos são os que tem coragem de fazer uma análise tão profunda no calor dos acontecimentos. Žižek é um deles. O filósofo esloveno de 71 anos inicia o livro comentando o paradoxo: em um momento em que o desenvolvimento tecnológico nos torna mais independentes da natureza nos tornamos mais dependentes dos caprichos dela. A resposta, ele já percebe isso logo no início do contágio, deverá vir de uma solidariedade global, o que por si só já é uma transformação radical no modo de pensar dos estados-nação. As consequências individuais e cotidianas também serão sentidas, desde o medo e a paranoia inicial até o repensar do nosso agir desenfreado do cotidiano e sua monotonia sufocante e seu tempo morto. Recolocaremos a vida e a experiência de vida de volta ao centro?

Em meio a *fake news*, maquiagem de dados pelos governos e heróis inusitados como o médico Li Wenliang que descobriu a Covid-19, denunciou, foi censurado e morreu da doença, um “Edward Snowden chinês”, Žižek aponta quase que existencialista que não devemos buscar explicações pré-modernas de castigos divinos ou da natureza, mas sucumbir ao simples fato de que “na ordem mais ampla das coisas, somos uma espécie sem importância”.

No capítulo 3 Žižek utiliza o esquema dos cinco estágios da psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross: negação, raiva, negociação, depressão e aceitação. Muito embora sejam estágios possíveis diante da pessoa diante da morte ou de uma perda terrível, o autor utiliza também para a sociedade. E ainda exemplifica. O mais paradigmático para nós brasileiros é a eleição de Trump e que pode ser usada tranquilamente para a eleição de Bolsonaro. Desde a negação (não se preocupe ele “só está fazendo cena, nada vai realmente mudar se ele tomar o poder”, passando pela raiva contra os que o apoiaram, a negociação, e essa é perspicaz: “nem tudo está perdido, talvez as instituições o contenham, vamos só tolerar alguns de seus excessos e focar no principal”, a depressão (tudo está perdido) a aceitação de que não mais há democracia e

que é preciso achar um caminho para se reinventar. Quando Žižek escreveu as manifestações atuais nos EUA não tinha se iniciado, mas são uma confirmação deste esquema.

Para a covid-19 os estágios também podem ser percebidos conforme a epidemia avança sobre os países. O destaque fica para os dois possíveis caminhos da aceitação: re-normalizar a doença no sentido que as pessoas vão continuar morrendo, mas a vida tem que seguir ou: “a aceitação pode (e deve) nos estimular à mobilização, sem pânico e sem ilusões, para agir em solidariedade coletiva”.

No capítulo seguinte, “bem-vindo ao deserto do virtual” Žižek utiliza uma cena do filme Kill Bill, quando a personagem principal dá o mítico golpe dos cinco pontos em Bill e esse morrerá depois de cinco passos.

Žižek afirma que os efeitos da Pandemia serão sentidos muito tempo depois. Não só os efeitos individuais e de sociabilidade que poderão mudar radicalmente, mas também às macro questões sociais e econômicas. Referindo-se, por exemplo a Bernie Sanders e sua proposta de um atendimento universal gratuito de saúde. É interessante, alguns percebem imediatamente a importância disso, com Sanders e Macron. Temos também nosso caso brasileiro. O ministro da saúde no início da pandemia, Mandetta, que tinha a missão de privatizar toda a saúde, passou a defender o Sistema Único de Saúde (SUS). Mas em alguns lugares esse infarto dos “cinco pontos” pode demorar. Estadunidenses que venceram a covid-19 estão se endividando a um nível jamais visto. As consequências não serão vistas agora, mas em um futuro próximo.

A questão do quase colapso da economia mundial entre outras, nos alerta, segundo Žižek, para a perda de ilusão de volta à normalidade e que se quisermos sobreviver ao impacto dos golpes o próprio Capitalismo deverá ser repensado. Ficar à mercê do “mercado” como se este fosse uma entidade viva parece não mais estar dando certo.

A impossibilidade da volta à normalidade também reflete nos contatos pessoais. Se o “não me toque” é a grande máxima do isolamento, Žižek nos lembra a partir de Hegel que é o olhar que nos identifica. Aposta ainda que o



distanciamento não trará um estranhamento, mas uma percepção da importância do outro na nossa vida.

No capítulo seguinte Žižek volta falar do comunismo e novamente e acerta em cheio a questão. Dois cenários são possíveis: o caos típico da produção capitalista seja na produção de respiradores, máscaras etc. e a escolha quem terá ou não terá acesso aos serviços hospitalares ou um controle da produção e atendimento hospitalar. Vimos que países que cederam ao pânico e/ou deixaram a mercê das instâncias locais sofreram excessivamente, com a Itália. Vimos também países que coordenaram indústria e esforços hospitalares com maior sucesso.

Mas há talvez uma questão mais importante que é o agir além dos governos com entidades supranacionais (vemos isso com a OMS ou com as instituições científicas na busca de remédios e vacinas) mas aquém dos governos com organizações locais e regionais (no Brasil é visível as organizações locais que na falta de uma atitude dos governos assumem a tarefa de organizar e dar assistência às pessoas).

A solidariedade e cooperação não seriam ideais utópicos, mas “ a única coisa egoísta racional a se fazer”. Um comunismo reinventado.

Ao examinar o cansaço dos profissionais de saúde diante do exaustivo e incessante trabalho à frente da pandemia, Žižek nos lembra que todos estamos cansados nesta fase do capitalismo. Os trabalhadores do chão da fábrica estão cansados de fazer a mesma coisa repetidamente em um modelo fordista, enquanto que os que desempenham serviços humanos cansam também de fingir se importar e até mesmo o “trabalho criativo em equipe” esgota estas pessoas. A expropriação do trabalho alheio acentuou-se nesta fase capitalista, exaurindo sentimentos e mentes. Estamos cada vez mais esgotados, inclusive em “home office” e perdemos, pelo menos no Brasil, o último filão de humanidade ao sermos transformados em “colaboradores”. Mas existe um trabalho não alienado, que cansa, mas não exaure a humanidade em nós, a incentiva. E isso estamos vendo com os profissionais de saúde e todos os envolvidos.



Apesar do negacionismo da extrema direita e da falsa esquerda que insistem em tratar a pandemia como falsa ou exagerada e como mecanismos de controle utilizados por governos ou oposições, o vírus definitivamente abalou nossa sociedade e irá transformá-la. Na filosofia cotidiana isso é visível, mas será que aprenderemos algumas lições?

Abandonaremos a nossa ética social de cuidar dos mais fracos e velhos, como foi feito na Itália? Alguma empresa fará a vacina para um único país ou uma elite? Quem tiver mais poder e dinheiro comprará todas as máscaras? Ou encontraremos outras formas de solidariedade, um comunismo nem que seja de guerra como a resposta a necessidade de respiradores. Quem imaginaria a manchete: “Trump anuncia proposta de controlar o setor privado”? Barbárie ou civilização nos aguarda do outro lado?

E é nesse sentido que Žižek vem defender a ideia que lançou de comunismo, altamente criticada tanto pela direita quanto pela esquerda. Enquanto a maioria aposta que o capitalismo irá voltar com mais vigor ao final da pandemia, ou em outras palavras o capitalismo irá exigir o sacrifício de inúmeras vidas para se manter, Žižek vê isso como uma escolha e não o único caminho. Segundo ele algumas medidas e ações vão contra os mecanismos de mercado, como organização da produção pelo estado, confisco de bens, programas de renda mínima. Infelizmente o que temos visto é que em países que tem uma tradição de bem-estar social, o Estado tem se colocado contra o mercado. Não é o caso do Brasil. A grande parte do montante de dinheiro e ações do governo tem sido para socorrer as empresas e em especial as financeiras. Demissões em massa, diminuição de salário, empréstimos a juros baixos, enquanto a população mais vulnerável aguarda em filas intermináveis por um auxílio de pouco mais de 100 dólares. De fato, o que vemos e o que foi anunciado por ministros do próprio governo é utilizar o foco na pandemia para liberar para o mercado o que ainda restava. Privatizar, invadir terras indígenas, desmatar etc. Pode ser que alguns países tenham de fato optado por ações mais humanas, não é o que vemos aqui.

Uma outra questão que Žižek trabalha e que vem sendo salientada por vários atores da área da saúde é a saúde mental das pessoas. O confinamento



em casa, a quebra da rotina, a ansiedade da doença tem trazido desconforto psíquico em boa parte das pessoas. Žižek utiliza Lacan para explicar um pouco isso, e também de Gabriel Tupinambá, um psicanalista brasileiro. No final ele fornece algumas dicas. Para quem não pode se engajar na luta como voluntário (e vemos muito disso acontecendo) siga uma rotina não estressante. Não é o momento de grandes reflexões filosóficas sobre a vida. Utilize a máxima: “Eu sei muito bem a gravidade da situação, mas mesmo assim vou agir como se não acreditasse nela”. Os engajados apesar do muito trabalho e perigo tem podido perceber a força do trabalho não alienado.

O último capítulo intitulado “decisões duras”, Žižek pensa a situação atual do poder na sociedade. A reafirmação da materialidade da vida cotidiana, ou diríamos infraestrutura, muito embora não podemos descartar nem a mediação humana, nem os valores e crenças, ou superestrutura. A ciência deve sair fortalecida em seu papel de universalidade transcultural, e mesmo assim não elevada a ordem de verdade universal. O poder sai enfraquecido. A impotência do poder foi revelada, como aquele personagem de desenho animado que corre depois do abismo acabar, se dá conta que não há mais chão e cai.

Neste sentido ele não acredita que as imposições dos governos que restringem as liberdades devem perdurar após a pandemia. São concessões das pessoas para com o poder. Se a luta não se dará para a retomada das liberdades individuais solapadas pelo poder no contexto da pandemia, qual será a luta? Žižek aponta: “a verdadeira luta se dará em torno de qual forma social substituirá a nova ordem mundial liberal-capitalista.”

ŽIŽEK, Slavoj. **Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

### **Ailton Pereira Morila**

apmorila@gmail.com

Doutor e Mestre em educação pela Faculdade de Educação da USP. Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Engenheiro Mecânico pela Escola de Engenharia de São Carlos-USP. Professor Associado da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro Permanente do Programa de pós-graduação em Ensino na Educação Básica. Pesquisador do Prometheus Núcleo de Estudos Críticos.

